

EDITORIAL

Anos passados todo aquele professor, estudioso e pesquisador que pretendia ou já averiguava os fatos históricos, tinha que considerar obrigatoriamente o paradigma obrigatório, segundo o qual “história se faz com documentos”, o que não deixa de ser verdade e requisito indispensável para os que propõem a produzir trabalhos acadêmicos no campo historiográfico. Ocorre, todavia, que a concepção positivista predominante não só no ensino da matéria escolar, como também, na produção de textos científicos, determinava que como documentos, eram apenas toleráveis e aceitas a documentação manuscrita, papéis oficiais, registros legais, enfim, para os defensores da teoria desenvolvida por Augusto Comte e veementemente defendida por seus pares e discípulos. Tão férrea era essa regra e imposição erudita da sua obediência, que muito tempo se passou até que outras fontes documentais produzidas pelo engenho humano pudessem ser aceitas como mostras fidedignas de um acontecimento relativo a trajetória política e social de indivíduos e das coletividades sociais. Evidentemente que o aprimoramento do saber humano, trazendo para o cotidiano não só do trabalho, mas das artes e lazer, novas formas de documentar a vida, com o uso de imagens, de gravações da fala, ou seja, incorporando a criatividade dos homens e mulheres que por razões diversas, buscavam legar para os pósteros o mundo que os seus sentidos perceberam. Assim é que a fotografia, o cinema, mesmo as obras de arte, os escritos literários, em decorrência da lucidez e coragem de mestres e professores, cientistas vinculados as ciências humanas, após enfrentarem não pouco resistência, lograram romper o conservadorismo positivista e fazer valer para a narrativa histórica estes avanços da técnica e a evolução do pensamento científico, especialmente no que respeita a ciência histórica, ombreando-as em veracidade com a documentação escrita, que jamais pode ser prescindida em qualquer labor científico e acadêmico.

Nas décadas de 1980/1990 ao dar largada as suas atividades em Canudos, o Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, além das pesquisas em arquivos públicos, religiosos e militares, prospectando documentos escritos, impressos e manuscritos, iniciou igualmente a audição de velhos moradores da cidade, artistas, jovens estudantes, descendentes de conselheiristas, colhendo junto a eles suas memórias e informações a cerca do lugar onde viveram seus antepassados e onde eles

permaneciam vivendo, trabalhando, gerando novas vidas, plantando, colhendo, cuidando das suas criações: mourejando de sol a sol para botar o pão na mesa. Também falavam dos seus festejos, dos santos homenageados, das danças e cantos, quer dizer, nos traziam nas asas da memória o legado de seus pais e avós. Era o acolhimento da história oral como instrumento de como ferramenta teórica, à época ainda explorando possibilidades e experimentando na prática as novas teorias.

A Revista Canudos foi criada no CEEC, como uma proposta para edições impressas, à época não havia a possibilidade da publicação eletrônica, e ao longo de sua trajetória sempre assegurou espaços para as inovações textuais, abordagens inovadoras e, obviamente, o uso criterioso dos depoimentos orais e da instrumentação audiovisual. Ao publicarmos agora mais um número do nosso periódico, o fazemos de uma maneira especial, reconhecendo e homenageando velhos mestres canudenses, memorialistas excepcionais, honrosos guardiães da história do seu povo e de sua terra, dos seus ancestrais, eles que partiram décadas passadas, dois deles há 20 anos, Paulo Monteiro e João de Régis e João Guerra completando 30 anos do seu desaparecimento. As academias e os acadêmicos muito devem a generosidade destes homens, que compartilharam com todos que os procuravam o seu imenso saber. Contavam o que ouviram dos seus, puros na sua essência como mel das abelhas no favo intocado. Incluímos entre os varões, a figura notável de dona Alzira, presente num poético texto de sua filha, desejosa de louvar sua mãe, também porta-voz de sua gente.

O professor Renato Ferraz, nos deixou em 2002. Partiu, mas nunca em verdade, deixou Canudos ou nos deixou. Intelectual dotado de poderosa oratória e prodigiosa capacidade memorialística deixou marcas inapagáveis, para quantos puderam escuta-lo e com ele conviver, fruto da sua presença constante na cidade e do seu trabalho persistente em prol da preservação e, sobretudo, da divulgação da história canudense. Ele se vivo fosse, temos certeza, se sentiria a vontade ao lado de Paulo, dos dois Jãos e dona Alzira, pois enquanto vida teve ouvi-os com respeito e sincera afetividade.

Finalizando, manifestamos nosso orgulho, sem soberba, de publicarmos pela primeira vez numa revista do gênero, textos produzidos por descendentes diretos desses canudenses ilustres, aqui lembrados singelamente, mas com sincera gratidão, cientes que eles foram além do tempo que viveram. Eles foram grandes e se fizeram eternos!

Prof. Manoel Neto

Coordenador do CEEC - UNEB